

**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

## **TECNOLOGIA E MEDIAÇÃO, O QUE FAZ A DIFERENÇA NA EDUCAÇÃO?€**

**Murilo Macêdo Narciso<sup>53</sup>**

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo uma breve exposição do uso das tecnologias em salas de aula como ferramentas de auxílio do professor na construção do saber. Para tal análise foram considerados estudos teóricos de profissionais da educação, em especial alguns que lidam diretamente com essa questão. Embora a tecnologia seja apenas um suporte para o trabalho do professor, dela se tem esperado funções que são próprias do docente, no entanto, o que faz a diferença na formação de um aluno não é a ferramenta em si, mas a mediação executada por um profissional bem qualificado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologias. Mediação. Qualificação profissional. Formação.

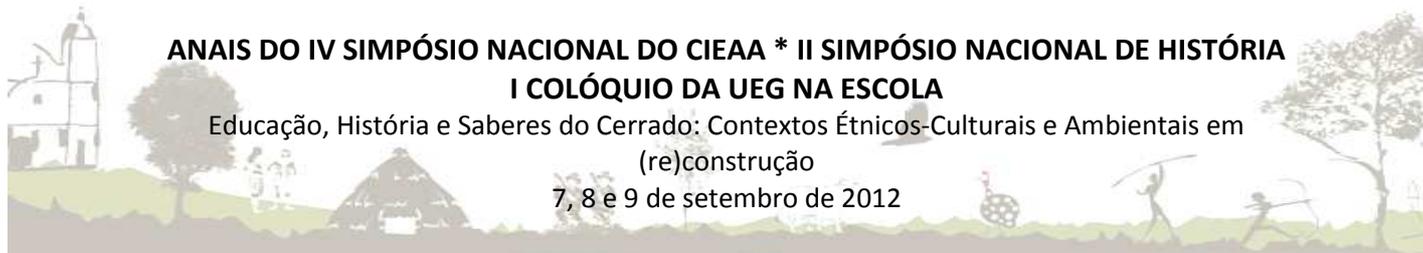
Desde a criação do livro didático, no século XVII, por Jan Amos Comenius, para o auxílio do trabalho docente, muitos têm sido os materiais inseridos no trabalho do professor brasileiro para sua maior praticidade e melhor rendimento dos alunos. Desde essa época os materiais de apoio dos professores são dos mais diferentes tipos, cada um concordante com o período histórico e a situação social da escola, da região e dos alunos. Houve momento na história para o uso do papiro, das pedras-lousa, momento para o uso do tablado, para o uso da palmatória, dos brinquedos pedagógicos, do caderno de caligrafia, do mimeógrafo, da máquina de datilografia, do retroprojeter, da máquina de escrever e de muitas outras tecnologias para cada época.

Acentuadamente as tecnologias contemporâneas, em especial os materiais eletrônicos, estão inseridos no processo ensino. Hoje se percebe a presença do computador, do datashow e

---

€ Artigo apresentado como trabalho final da disciplina Fundamentos da educação e da linguagem no curso de mestrado em Educação linguagem e tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG).

<sup>53</sup> Professor de Língua Portuguesa da Escola SESI SAMA, em Minaçu, Goiás. Mestrando em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás. [profmuriloport@hotmail.com](mailto:profmuriloport@hotmail.com).



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

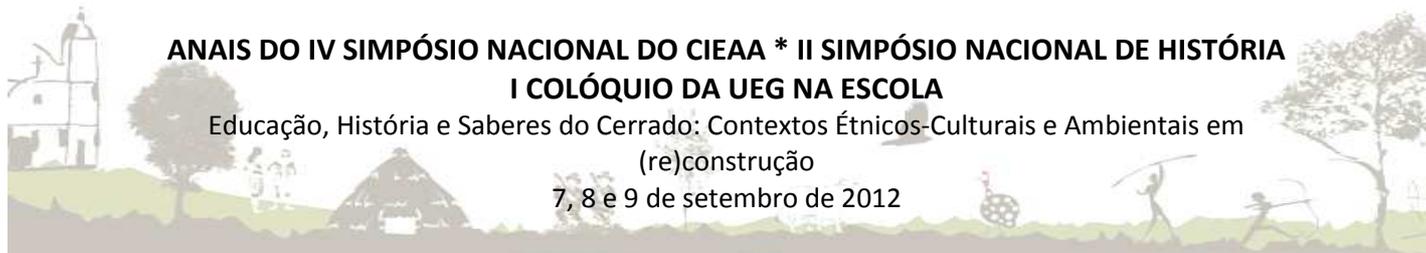
7, 8 e 9 de setembro de 2012

outras ferramentas digitais no dia a dia do alunado brasileiro em diversas escolas do país, inclusive públicas. De uma forma ou de outra, como já foi dito, a tecnologia sempre esteve presente nas escolas, todavia, cada forma compatível a cada tempo, decorrente de transformações históricas. Algumas ferramentas entraram em desuso por questões sociais, políticas, éticas e até morais, como a palmatória, por exemplo. Já outras permanecem em plena atividade como o livro didático, por exemplo, uma das ferramentas mais antigas do mundo no processo de ensino.

Por esse percurso, este artigo objetiva evidenciar a presença da tecnologia na escola e sua importância na construção do saber. Para tanto ele se encontra dividido em três partes. Na primeira apresenta o surgimento do livro didático e suas transformações. Na segunda expõe as transformações por que passaram escola e sociedade nas últimas décadas a partir da forte presença das tecnologias na vida das pessoas. Na terceira assevera que a tecnologia é tão importante quanto qualquer outra ferramenta de ensino, no entanto, o que realmente faz a diferença na construção do saber é o uso que o professor faz dessas ferramentas.

### O livro didático: ferramenta de muitas críticas

O criador do livro didático, Comenius, tomado pela visão renascentista, no início do século XVII, visava a uma educação oposta à do período medieval, que era baseada em um ensino rígido, centralizador, monótono, punitivo e desestimulante. O objetivo do material didático era auxiliar o profissional docente numa educação mais agradável, estimulante e fácil, o que levaria o aluno a atingir sua essência a partir de sua natureza, com o auxílio do livro. Do ponto de vista de Comenius, o que se devia priorizar para o aprendizado de qualquer indivíduo era a essência, pois era por ela que as pessoas evoluíam, e o livro didático fora criado exatamente para dar ao professor maior suporte de trabalho para conseguir melhorar a essência dos alunos. De acordo com estudos de Ponce (1986, p. 126) sobre os escritos de Comenius, aquele diz:



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

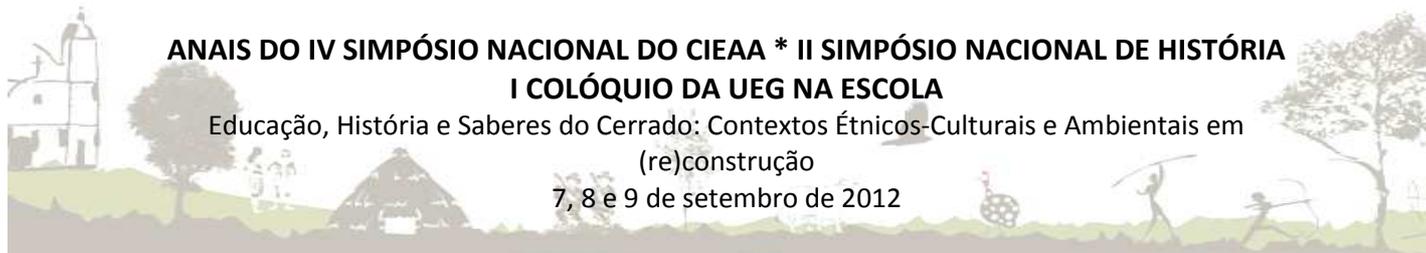
No processo histórico de desenvolvimento do pensamento pedagógico, a prioridade pertence às concepções que atribuem à educação a função de realizar o que o homem deve ser. Como deve ser o homem? É a sua essência que o determina ou, como foi exprimido com mais precisão, a sua essência verdadeira.

Em *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*, Suchodolski (1984, p. 32) escreve: “[...] a Natureza constitui a verdadeira essência do homem que, embora exista no homem empírico, não pode nas condições da vida concreta desenvolver-se plenamente, pois se encontra asfixiada pela corrupção que nos atingiu”.

Para Comenius, a educação era a luta pela busca da essência do ser humano, o que jamais seria alcançada sob o ponto de vista de Suchodolski, porque o homem é corruptível por natureza. Semelhante a Suchodolski, Rousseau (1984, p. 40) também relata sobre educação de criança: “não deve ter por objetivo a preparação da criança com vista ao futuro ou modelá-la de determinado modo; deve ser a própria vida da criança.” Comenius defendia uma teoria libertária de ensino, uma teoria descentralizadora, voltada para o aprimoramento e aperfeiçoamento da essência do ser, e isso aconteceria quando o aluno tivesse melhores condições de aprendizagem e o professor tivesse as ferramentas necessárias para seu apoio.

Guiado por essa visão humanista de ensino, Comenius criou no século XVII o livro didático para melhor andamento das aulas e rendimento dos alunos. Seu ideal de ensino era voltado para o aperfeiçoamento da essência do indivíduo. Essa ferramenta foi tão bem aceita que é ainda hoje a mais atual e usada tecnologia de todos os tempos. Sua invenção proporcionou ao professor condições de planejar melhor suas aulas, programar seus conteúdos, conduzi-los em sequência, organizar seus serviços etc., daí a suposta importância do livro didático dentro da escola. Portanto, embora o mercado editorial tenha se transformado basicamente numa luta comercial de interesses econômicos atualmente, como apresenta D’Ávila em sua dissertação, o livro didático é ainda hoje um dos objetos de maior presença na maioria das escolas brasileiras.

De acordo com a pesquisa de D’Ávila sobre o uso do livro didático em sala de aula, muitos profissionais, os com maior deficiência de formação, fazem mau uso da ferramenta e conseqüentemente a mediação que lhes cabe, pois esses profissionais não extrapolam o que o



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

livro propõe, eles ficam presos ao material, fazem dele uma verdade absoluta a ser seguida. De acordo com a autora, alguns professores chegam a não aceitar dos alunos nenhuma resposta que seja diferente da que está no livro. Sobre o uso do livro que ela chama de manual didático, ela diz:

Da primeira observação realizada numa classe de 1ª série, destacam-se três aspectos importantes: o primeiro que diz respeito ao desinteresse e desânimo dos alunos face à utilização do manual escolar (estes não se mostram interessados na atividade do manual, prefeririam continuar a atividade de matemática que a professora desenvolvia no quadro de giz). Um segundo elemento, referente à dependência do professor face ao manual didático — como se pode depreender das falas abaixo — e um terceiro aspecto, importante de ser mencionado aqui, concernente à questão da representatividade cultural e do alheamento do manual e do professor face a esta questão.

Mesmo com a forte dependência do livro por parte de muitos profissionais e das críticas a ele imputadas, Libâneo (2000, p. 31) diz que “O aluno aprende diretamente do professor e do livro didático”.

Se professor e livro didático possibilitam a aquisição do saber, vale destacar que essa ferramenta não é neutra, ela carrega em si um ideal de aluno, de realidade histórica. Em determinado trecho de sua tese, D’Ávila (2002, p.100) afirma:

Sem dúvida, é gritante o distanciamento entre conteúdo do manual didático escolar e realidade vivida por estudantes de outras regiões do país, excetuando-se as regiões Sul e Sudeste (não gratuitamente, as regiões mais desenvolvidas, do ponto de vista econômico). Isso não implica em que o ensino deva circunscrever-se ao mundo particular dos estudantes de cada canto do país; mas implica em respeito. Respeito às raízes socioculturais, aos valores, à linguagem, ao *modus vivendi*, enfim, das pessoas que estudam este material e que não se vêem representadas num conteúdo que, de tão abstrato, torna-se inverossímil e, muitas vezes, inassimilável às suas mentes.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Ela continua afirmando que: “a expansão deste recurso de ensino, bem como a expansão do próprio sistema educacional formal brasileiro, vincula-se, em grande parte, a aspectos econômicos e também religiosos”.

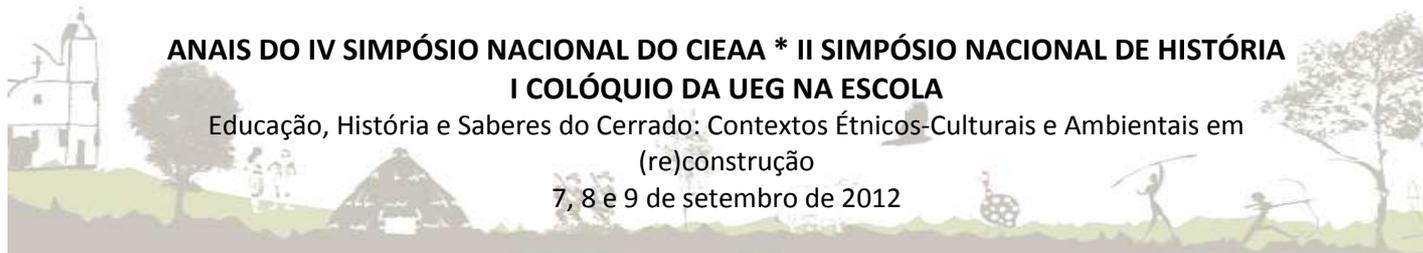
Apesar das críticas, o livro didático ganhou e ganha cada dia mais espaço no processo ensino aprendizagem, e, assim como ele, muitas outras ferramentas tiveram e ainda têm sua importância na escola. E a cada dia nota-se uma invasão cada vez maior de novas tecnologias nesses ambientes, em especial os eletrônicos, a cargo de “melhorar” as funções e “rendimentos” de todos. À mesma proporção do surgimento dessas ferramentas são seus defensores, pois, para eles a tecnologia enriquece o saber. Levy (1999, p. 177) diz que as relações sociais digitais atualizam a nova relação com o saber.

Aprendizagens permanentes e personalizadas através de navegação, orientação dos estudantes em um espaço do saber flutuante e destotalizado, aprendizagens cooperativas, inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais, desregulamentação parcial dos modos de reconhecimento dos saberes, gerenciamento dinâmico das competências em tempo real... esses processos sociais atualizam a nova relação com saber.

Desse modo, autores defendem o uso da tecnologia na escola, as quais vão assumindo formatos e diferenças no decorrer dos tempos história. Por isso, Levy (1995, p. 20), diz: “[...]“Por exemplo, se a execução de um programa informático, puramente lógica, tem a ver com o par possível/real, a interação entre humanos e sistemas informáticos têm a ver com a dialética do virtual e do real”.

### **As mudanças na escola e na sociedade com a presença das tecnologias**

É fato que o aluno brasileiro do século XXI lê mais que o do século passado, mesmo porque atualmente as pessoas têm mais acesso às informações, aos materiais veiculados pela escrita. E, grande parte das transformações educacionais por que passam o ensino, como por



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

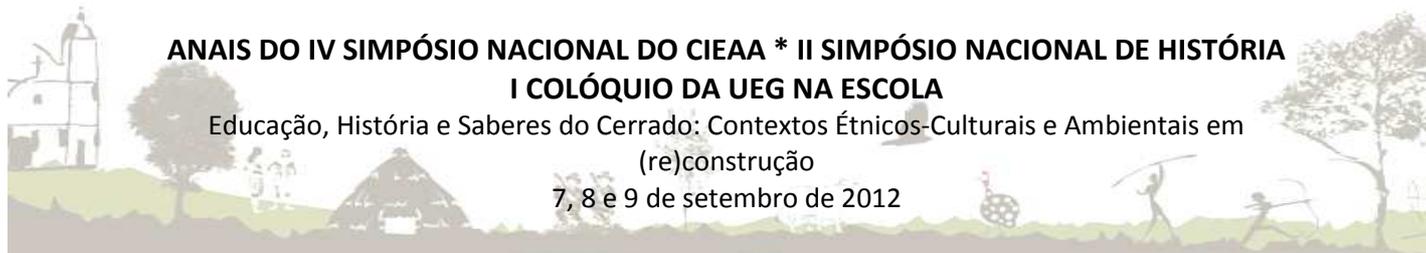
7, 8 e 9 de setembro de 2012

exemplo a inserção de novas ferramentas tecnológicas que auxiliam o trabalho dos docentes e asseguram de certo modo o aprendizado dos alunos, a absorção de mais informações etc., deve-se à presença das tecnologias digitais nas escolas, pois, por elas muitas vezes os alunos são mais atraídos para as atividades e se envolvem mais com a escola e seus programas de ensino, como mostram experiências feitas por professores do ensino básico que usaram a escrita de e-mail para se trabalhar gênero textual.

Além de maior envolvimento nas atividades escolares, essas ferramentas dinamizam mais as aulas e as tornam muitas vezes menos cansativas e até mais atrativas, pois a tecnologia impõe uma nova forma de mediar o conhecimento, como por exemplo a projeção de imagens, cores, sons, formatos... nunca vistos. O ensino mediado por essas ferramentas prende mais a atenção dos alunos e os envolve mais nas atividades escolares. E, da mesma forma como as tecnologias digitais contribuem para o aprendizado do aluno, as tecnologias impressas também assim o fazem.

Dessa forma, as tecnologias digital e impressa (livro e eletrônico) assumem importância no ensino porque auxiliam na formação de mais leitores, “escritores” e cidadãos teoricamente críticos e conscientes de seus deveres e direitos a partir de suas leituras, escritas e relações sociais que estabelecem com o outro e com o mundo. Essas relações têm como base a linguagem. Sobre linguagem, (BAKHTIN, 2009) diz que o sujeito, materializado em texto, não é individual, é social, uma vez que o homem se constitui como tal nas relações que estabelece com o outro e com o mundo a partir da linguagem.

O leitor, pela linguagem dialoga consigo mesmo, com os textos e se posiciona em relação a eles, seja um posicionamento concordante ou não. O diálogo desencadeia questionamento, criticidade, posicionamento, reflexão do discurso do outro, o que Bakhtin (2003) chama de compreensão ativo-responsiva. Esse sujeito crítico e com condições de tomada de posicionamento evidenciada por este autor é até certo ponto concordante com o ideal de estudante no período renascentista quando Comenius criou o livro didático para auxiliar o professor em suas tarefas de construção de um indivíduo pensante a partir de um ensino livre das amarras pedagógicas medievais, um ensino punitivo, centrado no professor, monótono etc.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

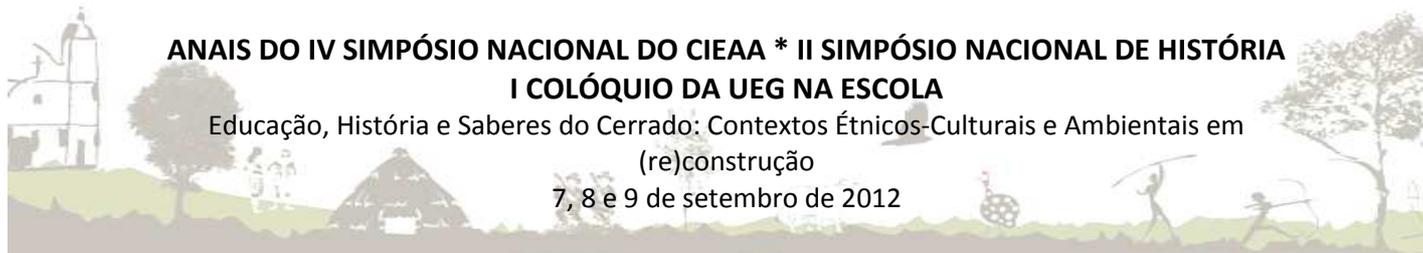
Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Desde a chegada das primeiras tecnologias às escolas, muitas têm sido as transformações nesses ambientes e também na sociedade, pois atualmente existe uma gama infinita de aparelhos que dão a alunos, professores e sociedade como um todo possibilidade de se informar mais e melhor, dominar mais o saber, conhecer outras opiniões, se interagir mais etc. Mesmo em escolas públicas carentes de tecnologias já existe, mesmo que de forma discreta, a inserção de tecnologias eletrônicas no auxílio dos professores, como por exemplo o projeto Um Computador por Aluno (UCA) do governo federal. Ainda que não se tenham claramente metas, objetivos e ações pedagógicas para muitas ferramentas, elas mudam a rotina da escola, levam mais informações aos alunos e a partir dessas informações a reflexão sobre a vida, os direitos e os deveres ganha mais espaço e isso acaba contribuindo na formação dos alunos. Uma evidência dessas transformações foi a criação dos laboratórios de informática em milhares de escolas públicas de todo o país. Atualmente as pessoas se atualizam mais, leem e escrevem mais, opinam, participam de debates on line etc., ou seja, este século tem presenciado uma nação mais ativa com relação ao entrelaçamento social e à produtividade crítica de construir saberes.

Notam-se as transformações sociais a partir das mudanças de hábitos no dia a dia, e observa-se também que essas transformações têm sofrido largamente a influência da tecnologia, pois sua presença na vida das pessoas é facilmente notada em qualquer ambiente. A presença do celular na vida das pessoas e suas mudanças de hábitos é uma prova disso. Essas ferramentas tecnológicas que causam tantas mudanças na sociedade, e foram delas decorrentes, estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar a serviço de novas formas de ensinar e mediar o conhecimento. E esse acesso a todo tipo de tecnologia (digital, impressa) tem dado às pessoas (crianças, adolescentes, adultos e até idosos) mais condições de ler, de escrever, de conhecer o que antes era absolutamente privilégio das classes dominantes, de se manifestar, interagir etc.

**A importância do professor na relação das tecnologias com o saber**



As informações e saberes disponíveis a todos têm feito das pessoas seres cada vez mais informados, mas isso não significa seres formados intelectualmente, com capacidade de domínio de saber formal, mesmo porque a maior parte do uso das tecnologias é de caráter lúdico ou de entretenimento.

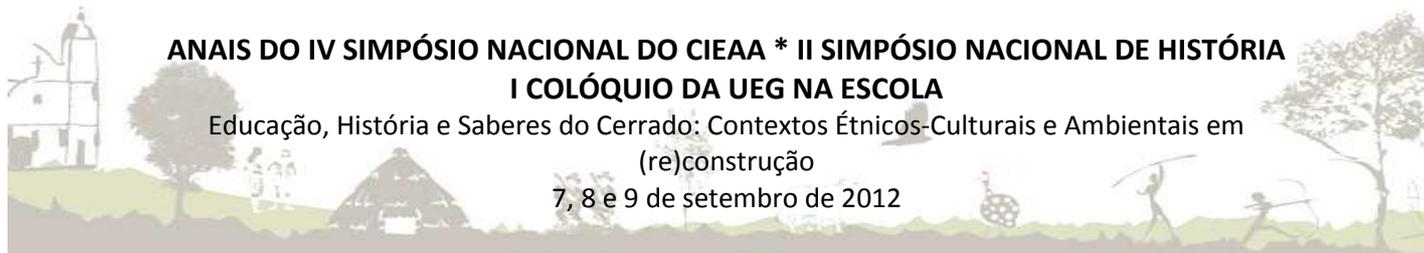
Que as transformações sociais e educacionais a partir das tecnologias evidenciam pessoas que leem mais, escrevem mais, se interagem mais, manifestam, cobram... é inegável, mas críticas também possibilitam um pensar acerca dessas tecnologias. Sobre o uso de uma dessas ferramentas tecnológicas, o blog, Coracini (2011, p. 27) diz:

As discussões que versam sobre o uso desses recursos em sala de aula prometem dar solução aos problemas da educação no Brasil. Por essa razão, inserem-se, cada vez mais, nas aulas de Língua Portuguesa, os chamados blogs, como uma atividade de escrita que se acredita ser altamente motivadora, criativa, capaz de construir um aluno autônomo e participativo.

Ainda segundo a autora sobre a escrita em blog: “... por ser novidade, pode produzir efeitos produtivos no aluno, no sentido de criar a ilusão do ‘novo’ e da motivação; entretanto, tal procedimento não incita a uma aprendizagem mais reflexiva e questionadora”. Desse modo, estudos precisam ainda ser feitos para se entender melhor o uso da tecnologia na escola.

Sobre as tecnologias, em especial o livro didático, D’Ávila concluiu que o diferencial na construção do indivíduo crítico e do saber formal está não nem na quantidade nem na ferramenta, mas sim na mediação feita pelo professor. É a mediação que levará o aluno a extrapolar a leitura informativa e a partir daí iniciará seu processo de construção de indivíduo crítico. Sobre mediação a autora diz:

Mediar não significa tão somente efetuar uma passagem, mas intervir no outro pólo, transformando-o. A mediação na esfera educativa guarda o sentido da intervenção sob inúmeras formas, desde as modalidades mais amplas — como a mediação sociopolítica que pratica a escola/o fenômeno educativo face aos alunos que se formam — às modalidades que se inserem no âmbito da prática pedagógica, onde se posiciona, primordialmente, o professor como mediador (D’ÁVILA, 2002, 13 ).



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

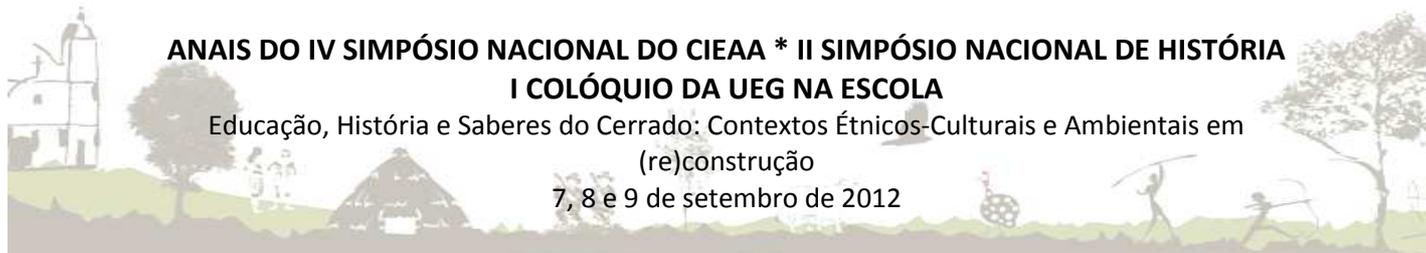
7, 8 e 9 de setembro de 2012

Hoje o processo de ensino repassou às tecnologias grande parte da função de ensinar, como se a máquina apenas por ela mesma fosse capaz de instigar o aluno ao conhecimento. Que essas ferramentas conseguem mais atenção que muitos professores isso ninguém nega, mas elas pouco têm a oferecer se a mediação não for além do seu uso mecânico, pois a tecnologia implicou mudança de meio, não de forma de ensino.

Para D'Ávila tanto o livro quanto qualquer outra ferramenta tecnológica é bem-vinda no processo de ensino, mas cabe ao profissional saber usar a tecnologia em prol do desenvolvimento intelectual dos alunos. É a partir do uso adequado da ferramenta que se alcançará o objetivo almejado, pois a ferramenta em si é apenas um material secundário no trabalho docente quando ela não cumpre nenhum papel pedagógico no aprendizado do aluno. Embora muitos sejam os materiais mal usados e mal construídos, eles são importantes nos ambientes de ensino, mas a sua função no desenvolvimento intelectual se dará a partir das mediações feitas pelos professores. Ou seja, todas as tecnologias são importantes e bem-vindas, mas nenhuma delas substitui o professor ou até mesmo se iguala a ele.

Libâneo (2000, p. 13) questiona a sobrevivência do professor frente à tamanha influência da tecnologia no ensino. Ele diz: “Terá chegado o tempo em que não serão mais necessários os professores”? O próprio autor responde em outra passagem do livro que não, que o professor jamais deixará de existir. Talvez ele realmente esteja certo, porque o ensino está calcado na relação humana, e isso nenhuma máquina é capaz de fazer, de substituir.

Não importa a ferramenta, não importa o ambiente ou a tarefa, o diferencial está na formação profissional do professor para saber fazer a mediação adequada que leve o aluno à sua própria extrapolação. Como diz D'Ávila, mediar é intervir no outro, é ajudá-lo a se construir enquanto ser humano crítico, é desempenhar funções políticas, éticas, morais, sociais... que sirvam de modelo e exemplo a ser seguidos. No entanto, para a execução de mediações calcadas em itens tão importantes para a formação de um indivíduo é necessário qualificação profissional, formação teórica e prática unida à experiência.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

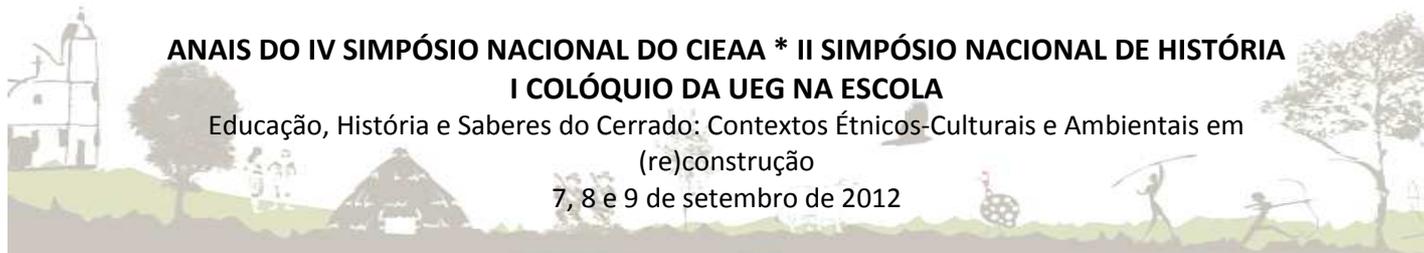
7, 8 e 9 de setembro de 2012

Em sua tese, D'Ávila constatou que a maioria dos professores que ministravam suas aulas baseadas apenas no livro, que faziam dele o seu único direcionamento e caminho a ser seguido eram professores com pouca formação crítica, e por isso eles se amparavam tanto nessa ferramenta e não extrapolavam seus conteúdos, seus exercícios. Se houvesse mais formação profissional, os professores poderiam usar o livro apenas como material de orientação e não como “bíblia” de todos.

O que se percebe muitas vezes é a transferência da função de mediação do professor para as tecnologias, pois ele espera que elas cumpram o seu papel. O professor esquece que a ferramenta é apenas um veículo de transmissão e não um substituto seu. Daí o fato de alguns profissionais acharem que apenas com a inserção da ferramenta nas aulas mudará a postura dos alunos, que eles se tornarão mais interessados. Não é somente isso que prende a atenção do aluno, que o envolve nas aulas, que conquista sua simpatia, seu gosto pelo estudo, o seu respeito pelo professor e pela matéria, é a arte de ensinar, é o envolvimento dialógico com o aluno, é o encantamento que o professor desperta no estudante para o conteúdo, é o desejo de aprender e conhecer que o professor desperta no aprendiz.

Esse despertar no outro que o professor consegue é decorrente de boa formação, de estudos teóricos e práticos e muita experiência. A partir da anunciação da matéria, do diálogo com o aluno, da exposição do conteúdo, das reflexões que leva o aluno a fazer sobre a relação do que está estudando e a sua vida, da importância daquele conteúdo com seu cotidiano etc. Portanto, o profissional deve ter consciência das suas funções (pedagógica, social, política, ética, moral, humana etc.) para conquistar o aluno. Essa consciência só se dará com formação crítica, estudo teórico, debates, discussões, reflexões...

Para uma boa formação profissional são necessários muitos elementos, mas um deles é imprescindível, a oportunidade de opção de escolha do curso a ser feito, pois muitos professores estão em sala de aula por “acidente”, por falta de opção, por falta de condições de estar em outros lugares executando outros afazeres. Não há investimentos suficientes em educação que deem às pessoas oportunidades de escolher o curso a fazer. Há regiões do país em que não se tem mais que um ou dois cursos. Muitas vezes as pessoas fazem um curso (na



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

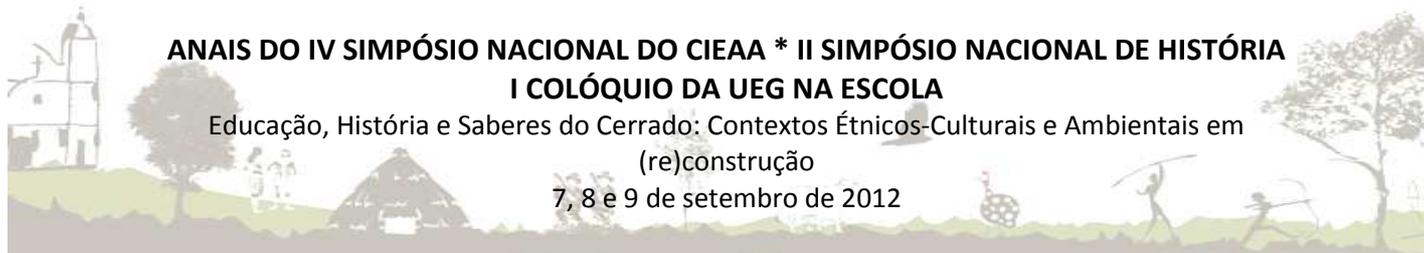
maioria das vezes de licenciatura, por questões financeira) e adentram no mercado de trabalho sem ter pela profissão muito gosto ou encanto.

Esse gosto pela função contribui largamente para a formação de um profissional mais competente, ético, criativo e que conseguirá facilmente levar seus alunos a trilhar melhor seus caminhos. É evidente que quanto mais opções de ferramentas tiver o professor, melhor poderá ser suas aulas, mas o diferencial em um profissional está na sua formação, na mediação que levará o aluno ao gosto e domínio do conteúdo.

Programas governamentais como Um Computador por Aluno (UCA) evidenciam a pouca atenção que recebe a educação no Brasil, pois mais importante que contemplar cada aluno com um computador é dar a ele condições dignas de aprendizado como por exemplo um ambiente limpo, bem estruturado e agradável, material de boa qualidade, bibliotecas, laboratórios de física, química, biologia... e valorizar e formar melhor os profissionais que atuarão em sala. Existe por parte de quem não é da área da educação a falsa sensação de que apenas a presença da tecnologia em sala é capaz de melhorar o nível do ensino no Brasil. A partir disso governantes de todo o país fecham os olhos para o que realmente faz a diferença na formação de um indivíduo, a qualificação profissional dos docentes e as condições de estudo dos alunos. Essa qualificação se faz com tempo, pesquisa, estudo teórico e prático e muito investimento. As condições de ensino também só podem melhorar sob fortes investimentos e mudanças administrativas, itens que têm sido esquecidos na educação do país.

Não é a ferramenta que incentiva o aluno ao estudo, não é a tecnologia que torna a aula mais interessante ou menos cansativa, não é o computador ou tablet que fará o aluno ter domínio do conteúdo, são as ações humanas, é a metodologia do professor, é a criatividade do profissional que despertará no aluno o interesse pelo saber, o gosto da escrita e da leitura, o domínio do conteúdo etc. E para esse resultado toda e qualquer ferramenta, inclusive as tecnológicas, são bem-vindas, mas de forma alguma elas são mais importantes que o professor.

Portanto, antes de qualquer ferramenta, impressa ou digital, o que se deve ter é um profissional capacitado para lidar com essa ferramenta e criativo e bem formado suficientemente para usar criticamente qualquer material em prol da sua mediação.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção  
7, 8 e 9 de setembro de 2012

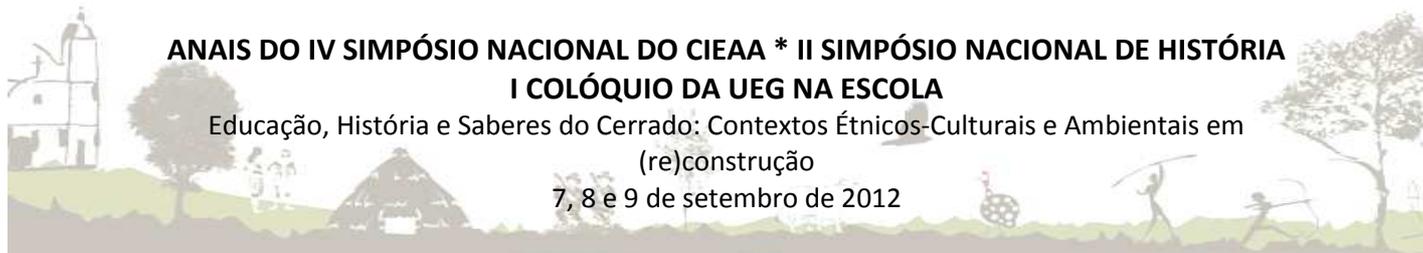
## Considerações finais

Este artigo tentou mostrar minimamente a forte entrada de ferramentas tecnológicas na escola, em especial as eletrônicas. Sua presença em sala de aula tem sido cada vez maior, e assim como o livro didático outras tecnologias têm causado dependência em muitos profissionais mal formados. Muitos usam as ferramentas sem ao menos saber operá-las corretamente. Mas o uso mecânico dessas ferramentas não é o foco discutível desse artigo. Seu foco é o uso pedagógico que muitos profissionais não têm conseguido realizar. Assim como Libâneo defende o uso do livro e Levy de outras tecnologias em sala de aula, muitos são aqueles que vão contra algumas ferramentas e seus usos, como Coracin, por exemplo.

É notável que muitas ferramentas são inseridas e usadas nas escolas e em sala sem planejamento e sem objetivo, o que desencadeia pouco e mal uso de qualquer objeto de auxílio ao professor. Da mesma forma como qualquer outra tecnologia, o livro didático foi criado para auxiliar no trabalho do docente na preparação da essência do ser humano, na melhoria de sua natureza, na construção de um indivíduo mais reflexivo, mas infelizmente o livro se tornou basicamente objeto comercial e as mediações nem sempre superam o livro, o que desencadeia pouca criticidade, reflexão e autonomia por parte dos mestres e alunos.

Portanto, deve-se investir mais e melhor na formação acadêmica dos profissionais que atuarão na formação de outros indivíduos. Esses profissionais devem estar plenamente conscientes do seu papel de formadores de indivíduos críticos e a partir disso não esperar que as ferramentas substitua-os ou desempenhe qualquer atividade pedagógica sozinhas. O uso da tecnologia deve ser feito de forma pedagógica, não mecânica. A ferramenta por si só não basta, é necessário a intervenção do professor, a sua formação para instigar o aluno ao conhecimento, a sua competência para inquietar seu interlocutor, levá-lo à reflexão de suas atitudes, seu papel na sociedade etc.

Portanto, não basta apenas ser a favor ou contra a tecnologia na escola, não basta apenas usá-la sem por que, sem para que, não se pode tê-la como concordância com tendências, o que se deve defender é o bom uso de qualquer ferramenta no processo



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

ensino/aprendizagem. Todo e qualquer instrumento de auxílio ao trabalho docente deve ser bem-vindo à escola, mas seu uso deve contemplar uma proposta, um plano e ter um objetivo. O uso de qualquer ferramenta de ensino deve ser realizado sob mediação pedagógica que leve o aluno ao seu próprio crescimento intelectual, é isso que faz a diferença na educação.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São paulo: Hucitec, 2004.

CORACINI, M. J. Uyeno, E. Y.; MASCIA, M. A. A. *Da letra ao pixel e do pixel à letra*. Campinas, SP: Mercado das letras, 2011.

D'Ávila, Cristina. "Ruim com ele pior sem ele?" A mediação docente e o uso do livro didático na sala de aula. Salvador: UFBA, 2002. Disponível em: <[www.anped.org.br/reuniões/28/textos/gt04/GT04-122--Int.doc](http://www.anped.org.br/reuniões/28/textos/gt04/GT04-122--Int.doc)>. Acesso em: julho de 2012.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é virtual*. Tradução: Paulo Neves, 1995.

LIBÂNIO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?* Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2000.

PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 1986.

SUCHODOLSKY, Bogdan. *A pedagogia e as correntes filosóficas: pedagogia da essência e pedagogia da existência*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.